



Dulcinea Dirce Salgado Mattar

**"A REALIZAÇÃO HUMANA SEGUNDO A ANTROPOLOGIA SISTEMÁTICA
DE HENRIQUE DE LIMA VAZ"**

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Carlos Drawin

Belo Horizonte

FAJE: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023.

Dulcinea Dirce Salgado Mattar

**"A REALIZAÇÃO HUMANA SEGUNDO A ANTROPOLOGIA SISTEMÁTICA
DE HENRIQUE DE LIMA VAZ"**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Drawin

Belo Horizonte

FAJE: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023.

DEDICATÓRIA

REALIZAÇÃO HUMANA

Dedico este trabalho a você Ser Humano latente
que habita o nosso interior,
ansioso em alçar voos livres com amor.
E atingir a realização
com a certeza divina na criação.
E no retorno à vida sensível,
que a ética
conduza o caminho das relações
e a liberdade autônoma proclame:
que o Amor
o Bem
e a Verdade
podem ser nossa realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a você professor querido
Que me conduziu à história do conhecimento
Levou-me a grandes descobertas
E, na iniciativa da retirada do véu de Maya
Fez descortinar horizontes belos
Onde o encantamento vislumbrou-me em êxtase
A verdade da realidade nua,
A verdade do paradoxo humano
A realização pelo amor divino.

Agradeço a você colega amigo
Que se dividiu em caminhada comigo
Dando a mão em companhia, certo que me guia.

Agradeço a minha linda família
Que sempre presente em apoio
Compreendeu -me nas ausências
Amou-me em excelência.

Agradeço a todos ao meu lado
Companheiros de guerra
protegendo-me das rajadas
E mostrando-se presentes nos meus momentos
Vividos com tantos sentimentos.

Agradeço ao Senhor Deus do Universo
A dádiva da vida e a possibilidade do caminho à verdadeira vida.
Obrigada!

*A natureza os serve. E tu que a penetrastes
Homem sábio e ditoso. A paz seja contigo.
Observa minhas leis em distinguindo-as bem.
Sobre o teu corpo reine e brilhe a inteligência
Para que em ascendendo-te ao Éter fulgurante,
Mesmo entre os imortais consiga ser um Deus.*

“Versos Áureos” Pitágoras

RESUMO

Este trabalho fundamenta-se na compreensão dos textos do filósofo Padre Henrique de Lima Vaz na obra *Antropologia Filosófica II* onde expõe as categorias de realização e pessoa para analisar a questão no homem do ato da suprasunção das categorias de estrutura e relação (essência e transcendência) e ele como espírito livre vocacionado ao absoluto. Procuramos compreender a justificação histórica e filosófica da *Antropologia Filosófica* na obra do Padre Henrique Vaz, quanto a sua concepção metódica e sistemática, abordando as categorias fundamentais que estruturam o discurso filosófico sobre o ser humano e sua articulação dialética, ou seja, a articulação entre *Antropologia*, *Ética* e *Metafísica* com luz no tema *Realização Humana*. Num momento atual de crises de valores e incertezas, Lima Vaz propõe em seu último livro, *Raízes da Modernidade*, o humanismo teocêntrico como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social, que abordamos neste trabalho. É a esperança da essência na existência com presença atuante de uma Inteligência infinitamente bondosa e de um Amor infinitamente verdadeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Realização. Ética Filosófica. Antropologia Filosófica. Metafísica. Transcendência. Essência. Amor.

ABSTRAT

This work is based on the understanding of the texts of the philosopher Father Henrique de Lima Vaz in the work *Philosophical Anthropology II* where he exposes the categories of realization and person to analyze the question in man of the act of the supersupation of the categories of structure and relationship (essence and transcendence) and he as a free spirit dedicated to the absolute. We seek to understand the historical and philosophical justification of *Philosophical Anthropology* in the work of Father Henrique Vaz, as to his methodical and systematic conception, addressing the fundamental categories that structure the philosophical discourse about the human being and his dialectical articulation, that is, the articulation between Anthropology, Ethics and Metaphysics with light on the theme Human Achievement. In a current moment of crises of values and uncertainties, Lima Vaz proposes in his last book, *Roots of Modernity*, theocentric humanism as an itinerary for the full realization of the human being in his personal and social existence, which we approach in this work. It is the hope of essence in the existence with an active presence of an infinitely kind Intelligence and an infinitely true Love.

KEYWORDS: Philosophy. Accomplishment. Philosophical Ethics. Philosophical Anthropology. Metaphysics. Transcendence. Essence. Love.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 HENRIQUE DE LIMA VAZ.....10

1.2 JUSTIFICATIVA.....11

2. METODOLOGIA.....12

3. CAPÍTULO I13

A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NA OBRA DE HENRIQUE DE LIMA VAZ

4 CAPÍTULO II15

O SISTEMA CATEGORIAL DA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE LIMA

VAZ . Plano da Pré-compreensão

. Plano da Compreensão Explicativa

. Plano da compreensão Filosófica ou compreensão transcendental

1. Primeiro momento

. Aporética histórica

. Aporética crítica

- Princípio da Limitação eidética

- Princípio da ilimitação tética

- Princípio da totalização

2. O Segundo momento

5. CAPÍTULO III17

AS CATEGORIAS DE UNIDADE DE REALIZAÇÃO E PESSOA NA OBRA DE

LIMA VAZ.

1. Conceito de estrutura
2. Conceito de relação
3. Conceito de unidade

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
7.BIBLIOGRAFIA	25
8. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	25

"Crê para entenderes e entende para creres".

Santo Agostinho

1. INTRODUÇÃO

1.1 HENRIQUE DE LIMA VAZ

Henrique Cláudio de Lima Vaz foi filósofo, padre jesuíta, professor e humanista brasileiro, autor de grande obra filosófica hoje preservada e divulgada pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Nasceu em 24 de agosto de 1921 em Ouro Preto. Formou-se na Pontifícia Universidade Gregoriana em 1953. Entrou na Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Sua ordenação presbiteral deu-se a 15 de julho de 1948. Completou sua formação religiosa em Gandia, na Espanha. Fez seus estudos filosóficos em Nova Friburgo. Em 1945, foi para Roma estudar Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde concluiu o curso de licenciatura com uma dissertação intitulada *O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás*. Em 1953 obteve o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana, com a tese *De dialectica et Contemplatione in Platonis Dialogis*, versando sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade. Trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos.

Lima Vaz possuía uma vasta cultura científica e humanística, um amplo conhecimento filosófico de todo o pensamento ocidental. Vinculado à Metafísica clássica e ao pensamento moderno questionando a modernidade. Profundo conhecedor da obra de Hegel. Lima Vaz também ofereceu uma análise crítica do pensamento marxiano criticando todo reducionismo intra-histórico pelo chamado à transcendência, mas, ao mesmo tempo, questionando a posição tradicional a partir do pensamento dialético.

Cultivou uma vida recolhida e simples com trabalho disciplinado. Faleceu em Belo Horizonte no dia 23 de Maio de 2002, devido a complicações pós-operatórias.¹

Lima Vaz influenciou vários autores contemporâneos que escreveram suas obras sobre ele como: AQUINO, M. F.; BARROS, J. T.; BRUNELLI; DE PAULA, J. A.; DRAWIN, C. R.; RIBEIRO, E. V.; SAMPAIO, R. G., dentre outros.

¹ WIKIPÉDIA; em 09/09/2021; 12:24.

1.2 JUSTIFICATIVA

Lima Vaz contribuiu para a Filosofia com vários livros publicados sobre Ética e Direito, Antropologia, Ontologia e História bem como “Sobre experiência mística e filosófica da tradição ocidental”.

Lima Vaz vivia na religião e na fé e delas se alimentava espiritualmente não tendo conflito como filósofo. Desde o início deixou-se guiar pela diretriz de Santo Agostinho: “*crê para entenderes e entende para creres*”. Desta forma, seu trabalho filosófico manteve-se dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão. E, todas as vezes que atingia as fronteiras onde a razão se encontra com a fé, essa linha divisória era explicitamente traçada.

Sua obra filosófica apoiava-se em três grandes influências: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mas, seu autor predileto foi, sem dúvida, Tomás de Aquino vindo na sua obra, especialmente na sua metafísica, uma profundidade, lucidez e equilíbrio que, ainda hoje, são capazes de fecundar a reflexão. E, nesta união fecunda de elementos antigos, como a metafísica de Tomás de Aquino, e perspectivas renovadoras, com ênfase na dialética hegeliana, Lima Vaz colocava-se em busca de uma vida ética, onde fosse possível a realização humana na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça. Assim sua obra é de grande importância na atualidade por indicar um caminho possível para a realização humana.

Nos seus últimos escritos, Lima Vaz buscou recuperar a ideia de sistema no sentido da articulação ordenada do pensamento para leitura coerente da realidade. A partir desta ideia de sistema Lima Vaz constrói sua Antropologia Filosófica e sua Ética Filosófica. Seu último livro, *Raízes da Modernidade*, propõe para o nosso tempo de incertezas e crises, o humanismo teocêntrico como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social.

Logo, em seus últimos trabalhos buscou analisar a realidade sociocultural contemporânea e a crise da modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos. Nestas suas investigações, tomou posição no debate de ideias a respeito do sentido transcendente da existência humana e dos rumos de nossa civilização². A partir de um conhecimento profundo da tradição

² Wikipédia; em 14/09/2021; 8:59.

filosófica e dos problemas atuais, ele descobre a contribuição que o paradigma platônico-aristotélico-tomista oferece para o tempo presente, recriando assim essa tradição num modo original de “caminhar através do logos”, ou seja, de modo dialético que o organiza a partir da ideia do homem como auto-expressividade, é mostrado tanto no agir ético como na vida ética dos indivíduos na comunidade.³

2. METODOLOGIA

O método consiste na análise conceitual dos textos do Pe. Henrique de Lima Vaz e na explicitação de sua articulação. Para isto foi essencial a leitura e compreensão de suas ideias em seu método analítico e hermenêutico de caráter antropológico, nos livros *Antropologia Filosofia I* e *Antropologia Filosófica II*. Outros livros como *Ética I*, *Raízes da Modernidade* e *Filosofia e Cultura* foram importantes para reconstruir seu caminho no sentido da realização humana.

A *Antropologia Filosófica* na obra de Henrique Vaz delinea a figura conceitual do SER do homem segundo sua **estrutura** e segundo suas **relações** com os outros seres. Enquanto finito é necessariamente um ser de relação. Que se manifesta nas três categorias: relação de objetividade (ser-no-mundo), relação de intersubjetividade (espírito-no-mundo) e relação de transcendência (ser-para-a-transcendência - supressão da finitude real ao dar conteúdo objetivo da sua infinitude intencional). Funda o seu ser-no-mundo e o seu ser-com-o-outro, ou seja, o seu ser-em-situação.

As categorias de estrutura são: espírito, psiquismo e corpo. Estrutura e relações são duas categorias que se opõem dialeticamente: ser-em-si (ipseidade) e ser-para-outro (alteridade) e unidade (ser-para-transcendência) vivendo a vida segundo o espírito. A unidade do homem enquanto autorrealização é o ato de supressão das categorias de estrutura e relação que exprime o homem como essência estruturalmente livre (espírito) e irreduzivelmente relacional (transcendência), como espírito livre vocacionado ao absoluto.

Assim para a realização da pesquisa trabalhamos a leitura e exposição das categorias de realização e pessoa na obra *Antropologia Filosófica II* de Henrique Vaz conhecendo a *Antropologia Vaziana*, compreendendo a justificação histórica e filosófica

³ HERRERO, *Ética Filosófica de H.C.lima Vaz, Síntese*; v. 39.

da Antropologia Filosófica na sua obra quanto a sua concepção metódica e sistemática abordando a significação da antropologia para a ética e a metafísica.

À vista do que expusemos o desenvolvimento da monografia se projeta nos seguintes três capítulos:

3. CAPÍTULO I

A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NA OBRA DE HENRIQUE DE LIMA VAZ

A questão sobre o tema do homem é transhistórica, coextensiva da cultura (mitos, arte, religião etc.) e na civilização ocidental aparece numa sucessão de modelos ou paradigmas conceptuais sobre o homem. A Antropologia Filosófica intersecta a Metafísica e a Ética e toma o homem como seu objeto na questão: “o que é o homem”? O objeto da Antropologia Filosófica é o homem enquanto sujeito, enquanto ser-sujeito. A modernidade caracteriza-se pela cisão entre “o mundo da vida” e o “mundo da razão”, as imagens de homem e as teorias científicas sobre o homem. E a Antropologia Filosófica em sua estrutura sistemática, coloca-se na linha da auto-reflexibilidade Metafísica com discurso portanto sistemático e aberto pois é a expressão sempre atual do homem enquanto ser que realiza o seu si mesmo. (Ser-no-mundo, Ser-com e Ser-a-si – fundamento ontológico da própria existência do homem). Estrutura-se com um vir-a-ser, como um movimento de reflexibilidade polarizado pelo Outro absoluto, pelo Transcendente (concebido como unidade totalizante). A experiência que o homem tem de si mesmo como sujeito é atravessada por uma intencionalidade universal. Assim o homem enquanto ser sujeito é um movimento dialético de suprassunção, o sujeito lógico revela-se em sua significação plena como sujeito ontológico. E a Ética se coloca, neste nível de compreensão, como a metafísica da vida, onde neste movimento de transcendência o sujeito empírico encontra a sua autorrealização como sujeito ético tornando-se assim sujeito universal com um bem agir ético, virtuoso, realizando-se pela liberdade autônoma deste encontro com o Bem Supremo, a Verdade, o conhecimento último, o fim a que todos caminhamos.

Assim, segundo Lima Vaz a tradição filosófica no que diz respeito as concepções do homem que nelas se sucederam apresenta uma invariante conceptual na formação do homem: o homem como ser universal, reflexo ou receptáculo intencional de toda

realidade. É a imagem clássica do microcosmos que reflete o cosmo a universalidade do homem que Platão fala do “parentesco” da alma com as ideias, e Aristóteles como o “ser de todas as coisas” que compete a alma. Na filosofia moderna esta ideia de universalidade está presente no Cogito de Descartes; no a priori do entendimento de Kant; no Espírito em Hegel onde se encaminha o desenvolvimento dialético da natureza; no “ser genérico” de Feuerbach e em sua transposição dialética pelo materialismo histórico. E os modelos antropológicos conservam a ideia do *homem universal*, mas a ideia da universalidade e centralidade do homem em relação a natureza, a sua utilização mostra-se cada vez mais problemática em face da enorme diversificação e crescimento das ciências da natureza e do próprio homem. Assim as antropologias filosóficas contemporâneas concebem o homem como um *ser pluriversal* (na representação de sua situação em face a realidade, os vetores que circunscrevem o lugar ontológico do sujeito, reflexão sujeito realidade, vetores irradiam; no homem universal convergem). para Paul Ricoeur, pensamento e ação e também para André Jacob. Assim o homem pluriversal se abre em diversas direções: o metafísico, ético, social, natural, lógico e o fundamental. “É o paradoxo *do ser que, ao interrogar-se a si mesmo, irradia sua interrogação a todas as dimensões do Ser*”.⁴

Como o homem não tem intuição intelectual de si mesmo não pode apreender-se em sua unidade e totalidade, só o faz através da delimitação de uma região de objetividade (limitação eidética - corpo), a forma categorial exprime sua unidade sistemática. E como é um sujeito transcendental-ontológico irreduzível a qualquer determinação objetiva por ser tensionado á infinidade do ser (ilimitação tética – espírito), é atravessado pela negatividade, pela oposição que leva a um movimento dialético de suprassunção da pluralidade num discurso sistemático. Assim o discurso totalizante exprime-se: determinação formal-objetiva do ser do sujeito em sua finitude e a abertura transcendental do sujeito ao ser em sua infinitude. Assim, numa forma Totalizante temos que a estrutura bio-psíquica do homem (corpo, psiquismo, espírito) é suprassumida no Espírito, que exprime o ser homem como estruturalmente aberto; as relações objetivas e intersubjetivas do homem são suprassumidas na Transcendência, que exprime o ser homem como abertura para o absoluto. (objetividade, intersubjetividade, transcendência); a unidade do homem enquanto auto-realização é o ato de suprassunção das categorias de estrutura e

⁴ LIMA VAZ, Antropologia Filosófica vol I, p 154 – 156

relação que exprime o homem como essência estruturalmente livre (Espírito) e irreduzivelmente relacional (transcendência), espírito livre vocacionado ao Absoluto.

4. CAPÍTULO II

O SISTEMA CATEGORIAL DA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE LIMA VAZ

Segundo Lima Vaz o ser humano está manifestando-se, expressando-se. A sua autoexpressividade é buscar sua realização (unificação) e autoconhecimento como pessoa (unidade) surgindo uma identidade pessoal profunda (*ipseidade*). O ser humano é uma **Natureza** (dado) original e diferente e assim surge o **Sujeito** (espírito), e a **Forma** como sujeito ético.

Cabe, ao procedimento sistemático da Antropologia Filosófica coordenar estes tres polos sem que se desequilibrem em favor de um deles à ordem sistemática do discurso. O **objeto** do discurso sistemático é o homem, que é também **sujeito** portanto importante a compreensão espontanea e natural que o homem tem de si mesmo, formando uma imagem de si mesmo, dentro de uma tradição cultural (estilo de vida - *ethos*). As **Formas** (conceitos) exprimem um aspecto da realidade, ou seja: da experiência moral enraizada no mundo do *ethos*. A **forma de existência ética é a mais significativa autoexpressão de nosso ser**⁵. O ser humano é naturalmente um ser moral, há uma virtualidade que o leva à busca do Bem, realizando-se como liberdade e razão, assim há a personalidade ética constituída⁶.

Assim o discurso filosófico obedece às etapas conhecidas da dialética, a Antropologia Filosófica deve levar em conta tres níveis de conhecimento do homem ao definir seu procedimento metódico e organização sistemática:

- **Plano da Pré-compreensão:** leva em conta a sua historicidade própria, o contexto histórico-cultural, é o mundo da vida (imagem do homem, experiencia natural que faz de si mesmo e exprime intelectualmente em representações, símbolos, crenças etc.);
- **Plano da Compreensão Explicativa:** Ciências empíricas do *ethos* que pretende compreendê-lo por meio de explicações científicas.

⁵ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica vol I*, pag 160.

⁶ LIMA VAZ, *Introdução à Ética Filosófica 1- Escritos de Filosofia IV*, nota 24, p 21.

• **Plano da compreensão Filosófica ou compreensão transcendental:** (o que o filósofo entende como variante ontológico), tematiza a experiência original que o homem faz de si mesmo como ser capaz de formular uma resposta à pergunta: “O que é o homem?”. A expressão intelectual desta compreensão é vazada de conceitos filosóficos ou **categorias**. A Antropologia Filosófica tem a tarefa de identificar estas categorias, definir seu conteúdo e articulá-las num discurso sistemático. Aparecem dificuldades pela imagem pluriversal do homem (experiência de si mesmo e de dar razão a si mesmo, ou seja, a experiência filosófica tem por objeto o sujeito da experiência). Assim a compreensão filosófica é uma autocompreensão do homem na qual sujeito e objeto se entrecruzam epistemologicamente, o que é tematizado é o conteúdo ontológico (articula a lógica do ser da subjetividade que é o ser próprio do homem). É um saber do sujeito (AF Socrática), “exprime o processo real e total do seu autoconstituir-se como sujeito”⁷.

“Assim, a conceptualização filosófica é o processo metodologicamente ordenado de construção das categorias ou dos conceitos fundamentais articulados no discurso filosófico”⁸.

1. Primeiro momento: Como todo processo de conceptualização filosófica, o primeiro momento dentro do movimento do discurso dialético, **a determinação do objeto**, é aporético:

- a) **Aporética histórica** ou rememoração dos problemas: aquelas dificuldades que encontramos e não temos como evitar, são incontornáveis. Questões incontornáveis da história da ética.
- b) **Aporética Crítica** ou problematização da categoria nela mesma, com os diversos modelos de explicação (exemplo no caso da razão prática temos a ética kantiana, ética Aristotélica, etc). Explicações incontornáveis.
 - Princípio da **Limitação eidética** (nosso saber é finito) ou definição da categoria em questão
 - Princípio da **ilimitação tética**, fundado no dinamismo ilimitado (ou desejo) do movimento mediador do *Eu sou*, orientado para o horizonte universal do Bem.

⁷ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica I*, pag. 159-167.

⁸ Idem, pag 169.

- Princípio da **totalização**: categoria última **englobante** de pessoa moral e **abertura** ao horizonte universal do Bem, em sua inalcançável transcendência.

2. O Segundo momento: da conceitualização filosófica é a **elaboração da categoria**: para expressar o conceito que exprime uma forma determinada de mediação segundo a qual o sujeito afirma um aspecto fundamental do seu *Ser*. (constitui o nível do concreto conceptual ou da mediação ontológica, suprasumindo o concreto empírico da pré-compreensão e o momento abstrato da compreensão explicativa).

“Partindo da situação do sujeito empírico e passando pelo modelo do sujeito abstrato à elaboração da categoria, alcança assim o nível do conceito ontológico que é o discurso sobre o ser do homem (dialética) que é propriamente o discurso da Antropologia Filosófica”⁹

5. CAPÍTULO III

AS CATEGORIAS DE UNIDADE DE REALIZAÇÃO E PESSOA NA OBRA DE LIMA VAZ.

A Antropologia filosófica, tendo definido o seu *objeto*, agora investiga o campo do *saber sobre si mesmo* que o homem busca conhecer ao longo de sua história e que lhe revela toda a complexidade estrutural e dinâmica que é o fenômeno humano. O espaço conceitual sobre o ser-homem assim se definem:

1. **Conceitos de estrutura**: Níveis ontológicos constitutivos do ser humano, unidade ontológica primeira segundo a qual ele é indivisível em si mesmo, capaz de subsistir na sua identidade ou ipseidade – caráter explicitamente reflexivo desta unidade, na sua relação com os outros seres dos quais se distingue:
 - a. Estrutura somática (categoria do corpo próprio)
 - b. Estrutura psíquica (categoria do psiquismo)
 - c. Estrutura espiritual (categoria do espírito).

⁹ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica I*, pag. 171.

2. **Conceitos de relação:** Expressam as relações *ad extra* do homem, os domínios da realidade que se abrangem à finitude e à situação do homem. A **finitude é noção metafísica:** designa o homem como ser distinto dos outros seres (multiplicidade da ordem do ser), a finitude dos seres múltiplos e a infinitude do Uno ao qual o múltiplo se opõe. A **situação é noção antropológica** é uma determinação peculiar da finitude humana, o homem é ser entre os seres defrontando-se com os seres no mundo: Ser-em-situação é ser-no-mundo:
- a. Relação com o mundo (categoria da objetividade)
 - b. Relação com o Outro (categoria da intersubjetividade)
 - c. Relação como o Absoluto (categoria da Transcendência).
3. **Conceitos de Unidade** (que unificam estruturas e relações):
- a. Unidade como unificação (categoria da realização)
 - b. Unidade como ser-uno (categoria da essência)

Neste trabalho abordaremos a Unidade Fundamental do ser humano. Como unidade o homem é *pessoa* aparecendo assim como ato total que opera a síntese entre as categorias de estrutura e relação pelo seu desenvolvimento existencial (autorrealização) sendo esta ideia de humanismo personalista a palavra final da Antropologia Filosófica. Padre Lima Vaz resume esta proposição de C.Brulaire (“L’Être et l’Esprit”, ap.Encyclopédie , Philosophique Universelle, I, pp.36)¹⁰:

“L’être que je suis n’est pas un ensemble de phénomènes empiriques, mais un être donné à lui-même, irréductible aux phénomènes de la nature, une substance spirituelle comme esprit libre”¹¹.

Os conceitos segundo a estrutura e segundo as relações delineiam a figura conceitual do ser humano no seu *ser-em-si* (*esse in se*) onde a flexibilidade própria do sujeito como mediação (o dizer a si mesmo) é constitutiva de sua *ipseidade*; e no seu *ser-para-outro* (*esse ad alium vel aliud*) a flexibilidade própria do sujeito tem como mediação a *alteridade* (como unidade relacional de ser-para-outro). Nas categorias de **estrutura** pensamos o homem como *Uno* na sua indivisibilidade em si; nas de **relação** o

¹⁰ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica vol I*, pp. 173-174.

¹¹ "O ser que sou não é uma coleção de fenômenos empíricos, mas um ser dado a si mesmo, irredutível aos fenômenos da natureza, uma substância espiritual como um espírito livre."

pensamos na sua *divisão* com respeito aos outros seres. No domínio da estrutura o homem se constitui como *ser-uno* pela suprassunção do corpo próprio e do psiquismo no espírito (transcendência) e essa unidade é atestada fundamentalmente pela *vida segundo o espírito*. Mas ao abrir-se ao mundo e ao outro (relações *ad-extra* - dialética da identidade na diferença: sendo uno e abrindo-se ao acolhimento do outro ser), pela sua constituição situado e finito preserva sua unidade pela *ipseidade* na *alteridade*. Na categoria do corpo próprio a dialética da identidade na diferença, assegura a unidade do sujeito em face ao risco de sua dispersão no mundo; na categoria do psiquismo, a mesma dialética opera a unidade do sujeito no seu mundo interior obviando o risco de fragmentação no tempo. Mas é na categoria do espírito que a dialética da identidade e diferença alcança sua significação decisiva para a constituição da unidade do sujeito (na ordem do *ato*). “Unidade que se estrutura como tal na medida em que o sujeito suprassume a diferença (o em-si) do objeto na sua identidade reflexiva (o para-si). Isto articulado no nível da estrutura. Nas formas de relação trata-se de unificar o homem nas formas de sua autoexpressão: como ipseidade e como alteridade definindo-o como *ser-para-si* e *ser-para-outro*.”

Assim a **categoria de realização** “deve mostrar os caminhos através dos quais a unidade estrutural do homem se cumpre efetivamente nas formas de relação com que ele se abre as grandes regiões do ser que circunscrevem o lugar ontológico da sua situação e da sua finitude”¹². Portanto a autorrealização do homem é a efetivação do paradoxo do qual o homem se toma ele mesmo (ipse) na sua abertura constitutiva ao outro (generosidade no dom de si mesmo – razão metafísica). Assim os **atos** que traçam na vida que se realiza são a efetivação dos atos da *realização*. Esses atos da *pessoa*, como se exprimiu no Eu corporal na forma do corpo próprio à mediação como se exprimiu como Eu espiritual na forma de relação de transcendência, trazem a unificação do ser, a realização do homem.

Como descrevem Aristóteles e Tomas de Aquino, o movimento de autorrealização do homem está voltado para a **excelência e perfeição do seu ato**, ou para o Bem que lhe advém da perfeição do ato (Platão e Aristóteles – aretê). Esta é a junção entre Antropologia e Ética. Há o apelo metafísico que atravessa o ser do homem no movimento de sua unificação, dirige-se a sua excelência e perfeição, à aretê, regida pela razão (logos) segundo Aristóteles¹³. Isto tem um coroamento Ético, a unificação da própria vida não se

¹² LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica vol II*, pp 141-144.

¹³ Idem pp 145-146.

desenrola apenas na ordem do ser, mas se perfaz no dever-ser, assim uma necessidade ontológica para uma necessidade moral.

“O homem é um ser constitutivamente ético, a sua eticidade é ou deve ser o primeiro predicado da sua unidade existencial em devir ou do imperativo da sua autorrealização”.¹⁴

A categoria de realização descobre assim a sua dialética da unificação da essência, ou seja, do homem como expressividade na ordem da existência como expressão do seu próprio ser. Traduz na sua limitação eidética o elan humano para o ser-mais impelido, em virtude de sua ilimitação tética, em direção ao absoluto do seu ser. Assim o paradoxo da existência humana apresenta-se como passagem do ser ao *dever-ser* e submetida ao *ser-mais* (assinala as categorias do espírito e da transcendência), a realidade do espírito como relação da transcendência e a existência humana como realização na essência. E os atos supremos do existir próprio da vida segundo o espírito se manifestam: *conhecer a Verdade, consentir ao Bem, reconhecer no Absoluto de existência a fonte primeira da Verdade e do Bem*. A categoria de realização nos conduz assim, pelo princípio de totalização, ao limiar da síntese entre essência e existência (igualdade inteligível entre sujeito e o ser).

A Categoria de pessoa afirma esta igualdade inteligível entre o *sujeito* e o *ser* (o sujeito afirmado como ser que se desdobra em *para-nós*). A categoria pessoa exprime toda a riqueza inteligível da autoafirmação do sujeito. A essência é o momento da constituição ontológica do ser homem na sua estrutura e nas suas relações. A existência é o momento da manifestação que ele se torna na sua realização. E a unidade final é a síntese entre essência e existência ou entre o *ser que é* e o *ser que se torna ele mesmo* (ipse) pela realização ativa em ato e perfeição. Assim é a categoria de pessoa ou categoria da essência como expressão ontológica plena do homem que se significa a si mesmo e cumpre efetivamente o desígnio do seu ser no existir (o homem é sujeito enquanto pessoa “**Eu sou**”). Cumpre-se na categoria de pessoa o ponto nodal da Antropologia Filosófica o princípio da totalização, onde se entrelaçam a inteligibilidade *em-si* e a inteligibilidade *para-nós* (adequação entre sujeito e o ser). Isto permanece inacessível à demonstração filosófica, este dinamismo da autoafirmação e surto profundo do *Eu sou* que passa além do eidos finito e tende a plenitude infinita do ser. São Tomás e Santo Agostinho nos

¹⁴ Idem p 146.

mostram que é possível uma nova estrutura de vida (filosoficamente inefável), onde o *Eu sou* seja sobrelevado pelo dom ou graça do Absoluto onde a forma e o fim do nosso ser sejam definidos pela radical supressão do nosso ser-no-mundo na plenitude realizada do nosso ser-no-Absoluto. Chama-se “vida eterna” e seria a *realização final da pessoa*, não podendo ser alcançada pela sua vontade nem mesmo positivamente pensada por sua razão. É a esperança da essência e existência com presença atuante de uma Inteligência infinitamente bondosa e de um **Amor** infinitamente verdadeiro¹⁵.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, segundo Lima Vaz, o ser humano é um paradoxo, possui uma abertura ao infinito e ao mesmo tempo uma abertura à objetividade, por ser um espírito finito. No curso das civilizações o movimento de transcendência exprime uma das experiências mais profundas e decisivas do homem permitindo, teoricamente, o manifestar do Ser no mundo, da essência na existência, do Eu Sou no mundo. É o ser universal, o ser pluriversal, cuja existência ética, constitui a mais significativa autoexpressão de ser¹⁶, um ser humano naturalmente um ser moral, com virtualidade pela presença do Bem, realizando-se como liberdade autônoma e razão (a personalidade ética constituída)¹⁷. Assim o termo transcendência recebe uma significação antropológica bem definida, o movimento intencional incoercível com o qual o homem transgrede, sob formas diversas, os limites de sua situação no mundo e na história. Lança-se a uma suposta realidade transmundana e transhistórica e se descobre um, em direção ao absoluto. Essa relação de transcendência nos leva a pensar num excesso ontológico, numa superabundância ontológica do sujeito, inteligente e livre, conceituada filosoficamente pela noção de espírito. A relação de transcendência é, pois, a relação do sujeito com o ser. Assinalam a inquieta busca do homem e as imperfeitas expressões de algum absoluto na longa duração dos tempos históricos¹⁸.

A experiência transcendental para Karl Rahner é um saber anônimo e atemático de Deus, uma luminosidade subjetiva, um mistério santo onde Deus se dirige

¹⁵ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica II*, p 236.

¹⁶ LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica vol I*, pag 160.

¹⁷ LIMA VAZ, *Introdução à Ética Filosófica 1- Escritos de Filosofia IV*, nota 24, p 21.

¹⁸ LIMA VAZ, *Filosofia e Cultura*, pg 194-196

silenciosamente ao homem como ser absoluto e incompreensível. É uma transcendência de amor e o Aonde é um mistério santo com sua incompreensibilidade é o que existe de mais evidente. O que é inteligível é evidente por si no mistério¹⁹.

A reflexão filosófica leva a pensar a relação de transcendência como superação ou suprassunção dialética da oposição entre **exterioridade e interioridade** e constitui, sem dúvidas, desde Sócrates, um dos tópicos clássicos da investigação sobre o homem no Ocidente. É a distinção entre sujeito infinito e realidade objetiva, seja no plano do conhecimento sensível e intelectual, seja no plano da afetividade e da liberdade. É posta em evidência a alteridade do mundo na relação de objetividade e a alteridade plural dos sujeitos na relação dita de intersubjetividade. Isto impõe ao indivíduo sair de sua solidão interior para realizar-se na comunidade, no existir-com-o-outro. Ao sair de si ele encontra uma forma superior de interioridade, vivida nas profundas experiências de unidade, que fluem no reconhecimento, no consenso, na amizade ou no amor. Padre Vaz explica que nasce aí a inquietação ao sentir a frágil e efêmera existência atravessada pelo dilema metafísico do uno e do múltiplo, levando à plenitude na imanência de uma história, como diz Hegel: “Eu que é um Nós e o Nós que é um Eu”²⁰.

A identidade entre exterior e interior, na diferença abissal entre finito e infinito é falada na transcendência de Platão na prerrogativa ontológica das Ideias e sua congenialidade com a Alma onde se manifesta; por Santo Agostinho na expressão clássica a identidade na diferença do Superior Summo do inferior íntimo (Confissões, III,6). De Platão à Hegel pensar o Absoluto transcendente na imanência do sujeito, seja pensá-lo na amplitude transcendental do seu conceito como Absoluto Formal (o Ser, a Verdade, O Bem...), seja como absoluto existencial (Deus). A infinita generosidade do Absoluto que, na sua imanência ao sujeito inteligente e livre, torna-o participante no mais íntimo do seu ser (face subjetiva da relação de transcendência) da sua infinita plenitude ontológica (unidade). Assim, o ser mostra-se um existir-para-a-verdade, um existir-para-o-bem, ou seja, um existir-para-o-Absoluto que é um existir-para-a-transcendência²¹.

Padre Vaz conceitua a relação de transcendência como constitutivo ontológico do homem pela dimensão do espírito, irreduzível ao somático e ao psíquico, e esta relação

¹⁹ RAHNER, KARL, *Curso Fundamental da Fé*, p 33-39

²⁰ LIMA VAZ, *Filosofia e Cultura*, pg 196-197.

²¹ LIMA VAZ, *Filosofia e Cultura*, pg 198-200.

ocorre na inteligência e na liberdade. No entanto Feuerbach, Marx e A.Comte negam o espírito e a transcendência. Esta negação parece refutável pelo argumento *elentikôs* de Aristóteles (*retorsão*): para negar deve-se pensar e pensar supõe ao sujeito uma abertura intencional á infinitude do Ser. Mas a evidente finitude do nosso espírito, situado na contingência do mundo e da história, só pode compor-se com sua evidente infinitude intencional, atestada no *pensamento* do Ser, afirmando-se o Transcendente como Absoluto do Ser.²²

Para Puntel a metafísica propriamente dita contém duas teorias: a **Ontologia** que é a teoria dos entes, teoria da totalidade dos entes contingentes e da conexão de todos os entes, parte da grande teoria do Ser em si mesmo e em seu todo. E a **Einailogia** ou Metafísica Primordial é a teoria do Ser em si mesmo, além da ontologia. O Ser primordial é compreendido em sua singularidade como ser (características imanentes) e em sua qualidade de abranger simplesmente tudo. A Einailogia é o “abismo radical” entre a dimensão do sujeito e a dimensão da realidade, entre o sujeito cognoscente e o objeto. Para ele a filosofia compreende o fundamento religioso a partir do espírito humano intencionalmente coextensivo com o Ser em seu todo. O homem entende sua posição no universo e entende esta como inteligência suprema derradeira e vontade suprema derradeira. E entende a partir de si mesma a dimensão última ou suprema que é a referência central da religião²³. Para ele o ser humano se manifesta como realidade material orgânica (corpo orgânico contingente) que constitui o pressuposto da consciência, da autoconsciência, da intersubjetividade humanas. E ainda o “espírito humano” ou “inteligência” enquanto faculdade de referência ao mundo ilimitado, abrangente que diz respeito à vontade e à consciência/autoconsciência como constituintes absolutamente necessários do ser humano²⁴. Assim compete ao ser humano como ser espiritual uma “coextensividade intencional” com o universo ou com o Ser que abrange tudo. Há portanto, segundo Puntel uma unidade fundamental que subjaz à distinção entre ser humano e mundo. O ser humano é paradoxal: é portador de uma determinação biológica de um lado (corpo) e por outro, está para além de qualquer determinação, transcende a esfera do imediato. Daí a grandeza ontológica específica do ser humano e seu lugar no universo. Ele se revela como o ente capaz de se distanciar de tudo pela reflexão, inclusive de si mesmo e pode tomar tudo como seu objeto, inclusive a si mesmo.

²² Idem pg 200.

²³ OLIVEIRA, M ARAUJO, *A nova Metafísica e a compreensão da religião*, Síntese, pgs 484-485

²⁴ Ibidem pgs 479-480.

(semanticamente na esfera da verdade). O ser subjetivo se revela coextensivo com o todo, inserido no todo, sendo a esfera da revelação da inteligibilidade universal (dimensão universal da subjetividade). Não pode ser reduzido a puro meio por ser o ponto de referência do universo. Puntel diz: “o espírito subjetivo desvela o espírito objetivo, a racionalidade de todo ente, recebe o conteúdo inteligível de tudo”. O círculo do espírito é oniabrangente, se encontra em tudo que encontra já que tudo lhe é inteligível (**unidade**). Com isto o ser espiritual, à medida que transcende tudo é “eu livre” o que constitui a condição de relacionamento com os entes. O ser subjetivo afirmando-se como ser espiritual, como **conhecimento** (inteligência: ser para a verdade, para o acolhimento do ser) e **liberdade** (vontade: ser para o bem, para o valor, para o consentimento do ser) e só se compreende adequadamente enquanto correlação com o outro (intersubjetividade-alteridade). O Ser Supremo – Deus – é a inteligência suprema e a vontade suprema²⁵.

Segundo Álvaro Mendonça Pimentel avaliando a realização humana e afirmação do Absoluto em Lima Vaz diante do drama da modernidade, afirma que “o dinamismo orientador do processo de realização é a superação da diferença entre essência e existência, ou seja, a conquista da unidade e da harmonia entre várias dimensões ontológicas do homem, conquista que se concretiza na ação do sujeito singular, mas também das comunidades politicamente articuladas”.²⁶

O homem moderno encontra-se imerso no capitalismo neoliberal, com liberdade controlada e numa sociedade de controle. Ainda, no domínio dos fenótipos digitais levando-o ao hedonismo, niilismo, individualismo, vivendo na imanência, escravo absoluto a medida em que se explora voluntariamente, mesmo sem a presença de um senhor²⁷. O homem moderno avança no progresso utilitarista, num mundo sem transcendência. Padre Vaz nos traz um discurso com grande compreensão do nosso tempo, uma civilização racional que nega os princípios éticos e morais. Propõe uma reflexão, uma contemplação para o caminho da realização cristã do homem: unir a inteligência e o amor e permitir que Deus faça a manifestação da essência na existência. Só assim o mundo será melhor e a harmonia divina habitará sobre a terra.

²⁵ Ibidem pgs481-483.

²⁶ Cf. A. M. PIMENTEL, *Realização humana e afirmação do Absoluto: Lima Vaz diante do drama da modernidade*, capítulo 13, pg 238

²⁷ CHUL HAN, BYUNG, *Psicopolítica- O neoliberalismo e as novas técnicas do poder*, Tradução Maurício Liesen, Editora Âyné, Belo Horizonte, 2020, pgs 9 – 117.

7. BIBLIOGRAFIA

LIMA VAZ, H. C. *Antropologia Filosófica volume I*, Edições Loyola, São Paulo, 2014.p. 177-272

LIMA VAZ, H. C. *Antropologia Filosófica volume II*, Edições Loyola, São Paulo, 2016. p.235-236.

LIMA VAZ, H. C., *Introdução á Ética Filosófica 1- Escritos de Filosofia IV*. Edições Loyola, São Paulo, 2015, p.313-325.

LIMA VAZ, H. C., *Raízes da Modernidade- Escritos de filosofia VII*. Edições Loyola, São Paulo, 2012, p.147- 286.

WIKIPÉDIA; em 09/09/2021; 12:24.

HERRERO, J. JAVIER; *A Ética Filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz; Síntese Revista de Filosofia*, v. 39 n. 125, 2012; p. 393-432.

<https://doi.org/10.20911/21769389v39n125p393-432/2012>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Cf. A. M. PIMENTEL, *O que torna uma vida realizada*, org. OLIVEIRA, C.M.R. e ROCHA, M. A., *Realização humana e afirmação do Absoluto: Lima Vaz diante do drama da modernidade*, Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, capítulo 13, pg 238

CHUL HAN, BYUNG, *Psicopolítica- O neoliberalismo e as novas técnicas do poder*, Tradução Maurício Liesen, Editora Âyné, Belo Horizonte, 2020, pgs 9 – 117.

GILBERT, PAUL SJ; *Os caminhos da Metafísica: da Epistemologia à Ética: ida e volta*; Síntese, Belo Horizonte, v. 35, n. 112, 2008.

DRAWIN, CARLOS ROBERTO; *Henrique Vaz e a Opção Metafísica; Síntese, Belo Horizonte*, v. 29, n. 94; 2002.

LIMA VAZ, H. C., *Ética Filosófica II- Escritos de Filosofia V*. Edições Loyola, São Paulo, 2015,

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia II: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Escritos de filosofia V: introdução à Ética Filosófica 2*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. *Filosofia e Cultura*, São Paulo, Edições Loyola, 2002, pg193-282.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012.

RAHNER, KARL, *Curso Fundamental da Fé*, São Paulo, Edições Paulinas, 1989, p 33-39.

...XXX...